



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS PORTO NACIONAL - TO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

CÉLIO PEREIRA SILVA

**“INCIDENTE NA RAIZ” E “OPERAÇÃO PENTE FINO”:
A DISCUSSÃO SOBRE O RACISMO EM OBRAS DE CUTI**

PORTO NACIONAL - TO
2022

CÉLIO PEREIRA SILVA

**INCIDENTE NA RAIZ E OPERAÇÃO PENTE FINO:
A DISCUSSÃO SOBRE O RACISMO EM OBRAS DE CUTI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do curso de Licenciatura em Letras Campus Porto Nacional, da Universidade Federal do Tocantins como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Letras.

PORTO NACIONAL - TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- P436i Pereira Silva, Célio .
Incidente na raiz e operação pente fino: a discussão sobre o racismo em obras de cuti . / Célio Pereira Silva. – Porto Nacional, TO, 2022.
20 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, 2022.
Orientadora : Maria Perla Araújo Morais
1. Cuti. 2. Racismo. 3. Cabelo. 4. Literatura. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

CÉLIO PEREIRA SILVA

INCIDENTE NA RAIZ E OPERAÇÃO PENTE FINO: A DISCUSSÃO SOBRE O RACISMO EM OBRAS DE CUTI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do curso de Licenciatura em Letras Campus Porto Nacional, da Universidade Federal do Tocantins como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Data de aprovação: 09/02/2022

Banca Examinadora:

Prof. Dr.^a Maria Perla Araújo Morais (Orientadora) UFT

Prof. Dr.^a. Viviane Cristina Oliveira, UFT

Prof. Dr.^a.Lyanna Costa Carvalho, UFT

PORTO NACIONAL- TO

2022

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar o conto “Incidente na Raiz” e o poema “Operação pente fino”, obras do escritor Luiz Silva (Cutí), tendo em vista a denúncia do racismo presente nos textos. A pesquisa realiza uma breve reflexão a respeito do panorama histórico de como se delineou a figura do negro em nossa literatura canônica, em que, de maneira geral, o negro foi personificado permeado de preconceitos e estigmas. Assim sendo, é de grande importância realizar pesquisa sobre escritores como Cutí, uma vez que em nossa literatura a voz costumeiramente ouvida é a do sujeito privilegiado, que, distante das identidades negras, versam sobre elas a partir da ideologia do seu lugar de fala. Cutí, que se reconhece como sujeito negro, atribui humanidade as suas personagens, critica e denúncia o racismo. As obras analisadas apresentam uma denúncia sobre a opressão sob o sujeito negro, sobretudo em relação ao seu corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Cutí. Racismo. Cabelo. Literatura.

ABSTRACT

This work proposes to analyze works by the writer Luiz Silva (Cuti), in view of the denunciation of the racism present in them. The research makes a brief reflection on the panorama history of how the figure of the black was delineated in our canonical literature, in which, general, the black person was personified permeated by prejudices and stigmas. So is It is very important to research writers like Cuti, because in our In literature, the voice heard has always been that of the privileged subject, who, far from other identities, speaks of them from the ideology of their place of speech. Cuti, who recognizes himself as a black subject, attributes humanity to its characters, criticizes and denounces racism. The works analyzed are the short story Incidente na Raiz and the poem Operação pente fino, in which the author denounces all oppression under the black subject's body.

KEYWORDS: Cutie. Racism. Hair. Literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O SUJEITO NEGRO NA LITERATURA: ALGUMAS REFLEXÕES.....	10
3 “INCIDENTE NA RAIZ ” E “ OPERAÇÃO PENTE FINO ”: RACISMO E DENÚNCIA NOS TEXTOS DE CUTI.....	13
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS	19

1 INTRODUÇÃO

Em seu processo de construção até a sua consolidação, a arte literária brasileira nunca foi um reflexo da grande diversidade da nossa nação. No cânone da nossa literatura e que supostamente reflete nossa identidade nacional, “percebemos [...] a existência de vazios e omissões que apontam para a recusa de muitas vozes, hoje esquecidas ou desqualificadas, quase todas oriundas das margens do tecido social” (DUARTE, 2020, p.1). Assim sendo, as ideias expressas pelo cânone literário não contemplaram as identidades periféricas, pelo contrário.

Os textos consagrados pelo cânone literário reproduzem não só os saberes hegemônicos, como também são produzidos por sujeitos que pertencem às classes que detém privilégios étnico-raciais de gênero e de classe. De dentro desses privilégios, os escritores naturalizam comportamentos e valores que fazem sentido apenas para seus grupos, silenciando outras formas de sentir e refletir sobre a realidade. Como não temos contato com essas outras versões, acabamos legitimando como universais valores bastante parciais. (LOPES e MORAIS, 2020, p. 49).

A partir dessas reflexões, esta pesquisa se propõe a analisar textos literários que versam sobre identidades não contempladas, pelo menos não de maneira adequada, pelos autores do nosso cânone literário. As obras são do escritor negro Luiz Silva (Cutí). Em seus textos, Cutí trabalha a questão do racismo no Brasil, desmistificando a ideia da democracia racial corrente em nosso país. Nos textos que compõem sua obra, o escritor aborda como o racismo atinge o povo negro em suas relações sociais sob diversas formas.

Os textos analisados são o conto “Incidente na Raiz” (2016), que conta a história Jussara, mulher negra que não se sente bem com suas características físicas, em especial a de seu cabelo, buscando sempre alguma forma de modificá-lo visando a se adaptar ao padrão de um cabelo propagado em nosso meio social. Além do conto, também analisaremos o poema “Operação pente fino”, que também trata da reflexão sobre o padrão de cabelo valorizada em nossa sociedade, o da branquitude, e como isso afeta a identidade negra. Nessas duas obras o escritor mostra como o racismo afeta a pessoa negra, inferiorizando seu corpo, destruindo assim sua autoestima e em muitas das vezes sua existência.

Tanto o conto, quanto o poema de Cutí devem fazer parte da nossa história literária, apresentando uma contribuição muito importante sobre como o racismo se faz presente em nossa sociedade. Sem os textos de Cutí e de outras identidades negras, escutamos apenas o que a identidade branca fala sobre o racismo, uma vez que, não é surpresa, que quem faz parte do cânone literário é, majoritariamente, o homem branco de classes abastadas. Assim, é preciso acrescentar não só diversidade ao debate do racismo como também democracia em nossas representações literárias. Textos como os de Cutí têm muito a nos falar tanto no sentido literário

quanto também social.

O primeiro capítulo deste trabalho faz uma breve reflexão sobre a relação entre o racismo e a literatura brasileira, analisando a questão da autoria e a representação do sujeito negro no decorrer da nossa história literária. Para isso, serão utilizados teóricos que refletem sobre essa relação, como Lopes e Moraes, Duarte, Proença Filho e outros. Esses autores nos mostram que a representação do sujeito negro na arte literária brasileira é apenas um reflexo do racismo que vigora em nossa vida social. Assim, vemos uma construção da identidade negra recheada de preconceitos, estigmas e desvalorização construída por indivíduos que ocupam um lugar social distante do povo negro e perpetuam em seus escritos os valores ideológicos daqueles que historicamente oprimem a população negra.

O capítulo seguinte faz uma abordagem do conto “Incidente na raiz” e do poema “Operação pente fino”, ambos de Cuti. Essas obras que se aproximam tematicamente, pois as duas tratam da questão do racismo violentando o corpo negro, questionam a ideologia racista, sem preconceitos e estigmas justamente por ser de autoria de alguém que se reconhece como sujeito negro, diferentemente dos autores da literatura hegemônica. As obras nos apresentam uma reflexão de como o racismo oprime e mutila o corpo negro, que é tratado como inferior e fora do padrão estético, já que esse é ideologicamente postulado pelo corpo do sujeito branco.

2 O SUJEITO NEGRO NA LITERATURA: ALGUMAS REFLEXÕES

O sistema de escravização do negro que se implantou e estruturou o Brasil por mais de três séculos se reflete ainda hoje na maneira como os afrodescendentes vivem em nossa esfera social. Não bastando o doloroso período da escravidão, em que o negro sofreu as mais diversas crueldades, no pós-abolição da escravatura, instituída pela lei áurea de 13 de Maio de 1888, as pessoas libertas passaram por um outro processo que as mantiveram segregadas, à margem da sociedade: o abandono pelo Estado brasileiro.

O Estado brasileiro, o último da América a abolir o sistema do trabalho forçado, da tortura e humilhação do povo negro, não instituiu nenhuma medida que possibilitasse a inclusão desses em uma esfera social como trabalho, educação, saneamento, moradia e outros direitos básicos. Ao contrário, a não ação do Estado no sentido da criação de uma política reparatória de um sistema desumano que estruturou a sociedade brasileira por séculos, alimentou a permanência do negro numa situação de miséria e marginalização, que perdura durante os anos e se ramifica até hoje nas mais diversas esferas de nossa estrutura social.

A Literatura, conforme Lopes e Morais (2020, p. 50) “sempre foi um campo simbólico construído por identidades hegemônicas”, portanto a exclusão da identidade negra do cânone literário brasileiro não foge à regra. A figura do negro, tanto na sua representação, quanto na questão da autoria é permeada de problemáticas e estigmas produzidos pelo racismo estruturado ao longo da nossa história social e literária. DUARTE (2021) afirma que a literatura brasileira apresenta um histórico de apagamento e desqualificação de vozes e discursos que fogem do padrão da literatura eurocêntrica.

A escrita de negros, com temáticas questionadoras e de busca de reconhecimento e justiça diante da estrutura social racista, que descentralizam o padrão estético do cânone literário e que se afirmam escritas afro-brasileiras ou negro-brasileiras, logo enfrentam discordâncias. Por exemplo, os que citam o ideal da identidade nacional para dizer que somos um só povo e por consequência uma só literatura, ou dos que defendem a arte por ela mesma, pura e de valores universais, que nada mais é do que a produção artística de homens, que expressam os valores culturais de uma elite branca ocidental.

Nesse sentido, nessa relação entre Literatura e a representação do sujeito negro, como aponta muitos teóricos que se dedicam no estudo dela, a principal característica que transparece sobre a figura do afrodescendente ocorre pelas lentes de quem a escreve. Diferentemente do que, ideologicamente, se tentam naturalizar como um padrão estético de escrita de valores universais e isenta, quem escreve, a partir do lugar social, de gênero e étnico-racial que ocupa, está também escrevendo e difundindo a ideologia desse lugar,

como aponta Lopes e Moraes. (2020, p. 50).

Escritores nos oferecem não só histórias, como também diferentes entendimentos de realidade. De dentro de suas identidades de gêneros, dos seus grupos sociais e de seus projetos políticos, eles representam e incitam maneiras de entender a realidade a partir desses lugares de fala e tentam, ao mesmo tempo, encenar percepções e leituras de mundo.

Dessa maneira, as lentes dos escritores que constituem o cânone da nossa Literatura nacional sobre a representação dos afrodescendentes foram ora abertamente racistas, ora reforçadores de estereótipos. Domício Proença Filho, em seu texto *A trajetória do negro na Literatura brasileira* de 2004, aponta alguns autores e obras com essas características, desde o século XVII com o poeta Gregório de Matos, que, em muitos de seus poemas satíricos, representam os negros de modo pejorativo, até autores recentes da corrente modernista.

Assim, são citadas obras e autores como “Escrava Isaura”, (1872); “O mulato” (1881); poemas do poeta romântico Castro Alves (1847-1871); “O bom Crioulo” (1885); “A carne” (1888). No século XX temos autores como Jorge de Lima (1893-1953), Jorge Amado (1912-2001) e Monteiro Lobato (1882-1948). Nesses escritores e obras, podemos ver como aponta Domício Proença Filho, que o negro é representado muitas vezes de maneira infantilizada, animalizada, erótica, sendo objeto sexual ou com a estratégia do branqueamento como forma de superar a sua condição de negro em nossa sociedade. É interessante observar que, em quase todas as obras e autores citados anteriormente, mesmo tentando escrever a favor do negro, o texto acaba reproduzindo uma maneira objetificada de tratar esses personagens. Esses autores não conseguem fugir dos estereótipos, reforçando assim a visão do negro do lugar de fala em que se localizam: homens, brancos, cis, cristãos e oriundos das classes privilegiadas do nosso país.

Podemos perceber a mudança na representação do negro, quando também se reconhece socialmente o lugar de fala desse sujeito que reclamam para si narrar a sua história. Na Literatura brasileira sempre tivemos nomes negros que escreveram a partir do seu olhar, refletindo a respeito de sua condição social. Por exemplo, Maria Firmina dos Reis, Luiz Gama, e outros, mas suas vozes foram apagadas da nossa história literária e somente reconhecidos postumamente. Foram precursores do que reconhecemos atualmente como Literatura Afro-brasileira. Na Literatura Afro-brasileira, os autores rompem os estereótipos e depreciações justamente por abordar os temas a partir do seu lugar social.

A partir das obras que a constituem, percebe-se que na base da definição e da caracterização da Literatura Negra e/ou Afro-brasileira sobressaem duas instâncias que, de certa maneira, se entrelaçam: a primeira vinculada à experiência histórica e social do autor, e a segunda, à produção do texto como lugar de reflexão acerca dessa experiência. (PEREIRA, 2021, p 1).

Assim, como resposta à representação do negro pela estética canônica e também ao preconceito contra os negros corrente na sociedade, os escritores e escritoras da Literatura Afro-brasileira, como aponta Edimilson de Almeida Pereira, têm como temáticas “A afirmação de um sujeito enunciador negro”; “denúncia da violência e exclusão social”; “valorização das heranças afrodescendentes” entre outros. Dessa forma “[...] o texto se desdobra a partir daquilo que se vivencia como um sujeito negro na história, destacando-se aí a necessidade de se atualizar uma gama de discursos que a diáspora, a escravidão e a violência impediram de germinar” (PEREIRA 2021, p. 1).

Apesar do bloqueio ideológico que os discursos fora da estrutura dominante que constituem a literatura brasileira sofrem, podemos perceber avanços nos últimos anos. Há cada vez mais pesquisas sobre obras da Literatura Afro-brasileira. Obras como *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, passam a ter um reconhecimento maior do público; temos escritoras como Conceição Evaristo que têm um reconhecimento relativamente amplo do público expondo sua reflexão sobre o que pensa de literatura e sociedade. No âmbito da legislação, temos a lei 11.645, de 2008, que torna obrigatório o ensino da história e cultura Afro-brasileira na educação básica, em que, apesar de ter que ser ministrado em todo o currículo, a lei postula a Literatura como uma das áreas em especial em que os conteúdos devem ser ministrados. Essas ações são importantes para a quebra da estrutura que impõe uma única visão sobre a Literatura e legitimar os outros lugares de falas que foram historicamente desqualificados por aqueles que ocupam o lugar de privilégios em nossa estrutura social.

3 “INCIDENTE NA RAIZ ” E “ OPERAÇÃO PENTE FINO ”: RACISMO E DENÚNCIA NOS TEXTOS DE CUTI

O escritor Luiz Silva, mais conhecido como Cuti, é natural de Ourinhos, município do estado de São Paulo. Nasceu em Outubro de 1951. O escritor é um dos responsáveis pela consolidação da literatura negra-brasileira. Tem uma vasta produção artística na literatura e também no teatro. Produz também ensaios e tem uma robusta produção acadêmica: no mestrado escreveu dissertação sobre o escritor Cruz e Souza e no doutorado defendeu tese sobre a obra do escritor Lima Barreto. Participa de congressos sobre a produção literária negra no Brasil mostrando-se um intelectual atuante na denúncia do racismo estrutural brasileiro. Na sua produção literária, entre contos e poemas, o autor aborda a questão racial, refletindo sobre as consequências desse na vida cotidiana da pessoa negra, como aponta em entrevista ao site Escrevendo o Futuro: “A escrita negro-brasileira propõe flagrar as práticas racistas no cotidiano das relações sociais – com suas contradições, baixeza e crueldade – e aponta caminhos de superação”.

O escritor faz, por exemplo, reflexões de como o corpo negro são esteticamente violentado, ao passo que a fisionomia, as características da pessoa branca é quem tem o privilégio de postular um padrão estético que ideologicamente é normalizado como universal. Nesse sentido, é importante sabermos como a branquitude age em nossa sociedade: construindo espaços simbólicos de valorização de características físicas e

sociais para os indivíduos brancos. Nas palavras de Lia Vainer Shucman:

Ser branco, ou seja, ocupar o lugar simbólico da branquitude, não é algo estabelecido por questões genéticas, mas sobretudo por posições e lugares sociais que os sujeitos ocupam. Desta forma, a branquitude precisa ser considerada “como a posição do sujeito, surgida na confluência de eventos históricos e políticos determináveis” (Steyn, 2004, p. 121) Ser branco assume significados diferentes, compartilhados culturalmente, em diferentes lugares. Nos EUA, ser branco está estritamente ligado à origem étnica e genética de cada pessoa; no Brasil, ser branco está ligado à aparência, ao status e ao fenótipo; na África do Sul, fenótipo e origem são importantes demarcadores de branquitude. (SHUCMAN, p.84).

A sociedade racista, aquela em que a branquitude age violentando o corpo negro, determina o padrão do corpo branco como belo e ideal, portanto o corpo negro é inferiorizado sendo considerado de menos valor. Dessa forma, é imposto ao negro, como forma de alcançar o padrão de beleza da branquitude, a negação do seu corpo, sua identidade, das suas heranças culturais, nem que para isso seja necessário a mutilação do seu corpo.

O corpo, portanto, é uma instância política e encontra-se em disputa. Numa sociedade racista, o cabelo da mulher negra deve ser percebido dentro dessa disputa, como nos explica bell hooks:

Dentro do patriarcado capitalista – o contexto social e político em que surge o costume entre os negros de alisarmos os nossos cabelos –, essa postura representa uma imitação da aparência do grupo branco dominante e, com frequência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si mesmo que pode ser somado a uma baixa auto-estima.

Durante os anos 1960, os negros que trabalhavam ativamente para criticar, desafiar e alterar o racismo branco, sinalavam a obsessão dos negros com o cabelo liso como um reflexo da mentalidade colonizada. Foi nesse momento em que os penteados afros, principalmente o black, entraram na moda como um símbolo de resistência cultural à opressão racista e fora considerado uma celebração da condição de negro(a).

Podemos notar a reflexão sobre essa violência sobre o cabelo da mulher negra em obras como o conto “Incidente na raiz” e o poema “Operação pente fino”, ambos de Cuti. Em “Incidente na Raiz”, a personagem Jussara, que é uma mulher negra, nega sua identidade, tentando a qualquer custo se descaracterizar dos traços físicos que a constituem. Já no início do conto, em “Jussara pensa que é branca” a narração mostra a tônica do perfil psicológico da personagem. É possível perceber que essa autonegação se dá de maneira profunda, refletindo nas suas relações afetivas, em que seus namorados e amigos eram sempre brancos. A ênfase da citação em “pensar” que é branca diz respeito a uma imagem a que Jussara se apegava, se cercava de pessoas brancas e tentando reproduzir a estética branca no corpo. Entretanto, mesmo se servido dessas estratégias, ela é percebida como um corpo negro, servindo a branquitude, apenas, para mutilar, torturar ao instituir um padrão inalcançável. Numa sociedade racista, a estética branca fomenta o consumo e o poder simbólico e econômico dos brancos, restando para o negro à insatisfação constante, a insegurança e a violência em seu corpo.

O documentário “Espelho, espelho meu”, de 2011, aborda questões estéticas do corpo e cabelo do negro. Em depoimento, o historiador Antônio Cosme ressalta que, sob certo ponto, a autonegação da identidade pode ser visto também como um ato de consciência, de autoproteção e fuga daquilo que a sociedade estrutura para inferiorizar o negro aponta como negativo: “Até a negação do corpo, a negação do cabelo, a negação da sua cor, guardada as devidas proporções, é também um processo de consciência. Consciência de que dentro dessa sociedade (racista), com essa aparência será rejeitado, rejeitada”.

Nesse sentido, vemos a insegurança de Jussara nas manias e comportamentos que têm para esconder seus traços corporais, que não se enquadram dentro do padrão branco de beleza: “detestava tirar fotografias frontais. Preferia de perfil” para esconder o nariz; seus lábios “Na tentativa de esconder-lhes a carnosidade, adquirira um cacoete [...] de mantê-los dentro da boca”; “sobre sua pele, naturalmente bronzeada, muito creme e pó para clarear”; nos cabelos “pasta alisante, ferro e outros que tais”.

Portanto, pele, corpo, boca e nariz são mascarados, na tentativa de Jussara

proteger-se da violência. Um paradoxo porque ela tem que se servir da violência consigo mesma para evitar a violência social. Franz Fanon, no clássico *Peles brancas, máscaras negras*, estuda como o racismo age no corpo e psicologia do sujeito negro:

Para ele só existe uma porta de saída, que dá no mundo branco. Onde a preocupação permanente em atrair a atenção do branco, esse desejo de ser poderoso como o branco, essa vontade determinada de adquirir as propriedades de revestimento, isto é, a parte do ser e do ter que entra na constituição de um ego. (FANON, 2008, p.60).

No conto de Cuti, percebemos o quão forte é a ideologia para a universalização do padrão do corpo branco como ideal. Em certo trecho, vemos que as ideias de Jussara coadunam com as ideias de sua mãe: “A prática materna não dera certo em sua infância”, ou seja, a prática de prender o nariz de Jussara com o pregador de roupas. Desse modo, observamos que o processo de se negar é construído desde a nascença de Jussara e provavelmente sua mãe passou também esse processo. Também o fato de Jussara pensar ser branca e não haver ninguém para lhe revelar sua verdadeira identidade: “Nunca lhe disseram o contrário” mostra a colonização geral do meio social para a ideia do corpo branco como ideal. Assim sendo, ninguém dirá o contrário para Jussara, porque ela está deixando de ser “feia” para ser “bela”. É normal ela negar o seu corpo, é normal a insegurança sobre si, é normal Jussara se mutilar e sentir dor para alcançar o inalcançável corpo branco.

Esse discurso é fortalecido por outro: o de que não existe racismo no Brasil. O mito da democracia racial incentiva essas mutilações ao esconder que não há diferenças de poder simbólico e econômicos entre brancos e negros em nossa sociedade. Assim, reforça-se o padrão branco com se fosse universal, quando, na realidade, é bem parcial.

Ao final da narrativa, Jussara se confronta com sua identidade pela primeira vez, quando encontra alguém para lhe dizer quem é. Ao usar o produto que resolveria o “problema” do cabelo definitivamente em um procedimento de beleza (tortura) que não alcança o objetivo esperado: “com as queimaduras na cabeça, foi internada às pressas, depois de alguns espasmos e desmaios”, um enfermeiro, também negro, parece conscientizar Jussara sobre si: “Tá melhor, nêga?”.

Em “Incidente na raiz”, o ato de fuga da identidade por Jussara, a negação de sua cor é também um reflexo de nossa realidade social. Todo esse processo histórico de estigmatização e inferiorização do negro, de negação do racismo revestida pela pretensa democracia racial resulta em que muitos não se reconhecerem como negros, usando outras nomenclaturas para definir suas identidades raciais: pardo, moreno etc. Fato interessante que atesta essa questão foi à propaganda governamental realizada no censo demográfico de 2010, em que aparece a atriz Taís Araújo, mulher negra, se declarando negra dizendo que a cor de sua pele era preta. Na sequência, a atriz pedia para as pessoas que também

eram negras respondessem certo o questionário, também se declarando pretas.

Por isso o título do conto também se mostra muito revelador quanto à temática central da narrativa. O título faz uma referência direta ao cabelo, “para o negro e a negra o cabelo crespo carrega significados culturais, políticos e sociais importantes e específicos que os classificam e os localizam dentro de um grupo étnico/racial.” (GOMES, p. 8) Portanto, o cabelo pode ser considerado um dos maiores símbolos da negritude no Brasil. Dessa forma, a violência sobre o cabelo, a sua descaracterização na tentativa de atribuir outra forma, (a do branco) de deixá-lo “bom”, é bastante simbólico. Mais do que a raiz do cabelo. É todo o percurso histórico do negro, as relações sociais, sua identidade que está sendo apagada. Por isso, a “raiz” do título não é só a do cabelo, mas a de nossa própria nação que trata como incidente aquilo que é historicamente e pragmaticamente construído em nossa sociedade. O título, portanto, apresenta uma nota irônica criticando a maneira amena como à violência contra o negro é sistematicamente praticada.

Como o conto mostra e nossa própria realidade também, isso não é um incidente, secundário ou uma exceção, mas sim algo recorrente na vida da população negra.

O poema “Operação pente fino” também reflete sobre o processo de negação da identidade negra em procedimentos estéticos que mais se assemelham à prática de tortura como vemos em versos da primeira estrofe: “Ou se acariciaram em ferro em brasas sobre o /couro/ cabeludo” (CUTI, 2002, s.p.). Nesse trecho, o verbo “acariciar” nos remete a essa forma danosa, mas travestida de inocência e ingenuidade como o racismo aparece em nossa sociedade. Os versos tratam de um paradoxo: como se pode acariciar em ferro em brasas um couro cabeludo? Essa imagem paradoxal tenta captar a mesma forma como o racismo se implanta em nosso meio social.

Oliveira et al. (2018, p. 180) comenta essa cultura de inferiorização do negro pelo racismo que leva às práticas de mudanças das características naturais do corpo.

Além disso, a desvalorização da negritude ao longo dos séculos fixou no imaginário brasileiro a ideia de que somos naturalmente inferiores e que só embranquecendo, seja pela miscigenação, seja pela auto violência física e estética, poderíamos ser “menos piores”. E o racismo incutiu isso em nossas cabeças e nossos âmbitos, comportamentos e estilo de vida. É a partir disso, nós mesmo reproduzimos essa violência contra nós. A naturalização disso é tão forte que em nossa sociedade a negritude virou sinônimo de feiura.

Nos versos seguintes do poema, é logo mostrado que essas mercadorias que ferem e encobrem o corpo e apagam a identidade de nada resolve. O poema expressa a ideologia que está envolta desse mecanismo que violentou a personagem Jussara na promessa da beleza branca: O racismo! É na antiética do racismo que essa sociedade de mercado lucra, elegendo o seu padrão de estética, e vendendo aos que não o tem, inferiorizando física e psicologicamente o povo negro:

e não adiantou nada
por mais lucro havido
na indústria de cosmético
jamais o racismo
mesmo com seu riso químico
será ético
neste comércio
nutre-se
da inferiorização constante e seu complexo. (CUTI, 2002, s.p.).

Assim, percebemos no poema também o apagar da identidade negra pela destruição do cabelo em diversas formas, com mercadorias pensadas justamente para que outras identidades se abduquem de si em prol do corpo branco. Ao valorizar o corpo branco, a sociedade enriquece economicamente e simbolicamente esse corpo, explorando o corpo negro. O corpo negro é levado a fazer esforços econômicos para consumir esse mercado que promete a pretensa beleza, que, como sabemos, é só uma promessa, uma vez que, a partir do racismo, o sujeito negro será sempre desvalorizado.

Dessa maneira, apesar de toda violência psicológica, econômica e física que se impõe ao negro para torná-lo branco, esse mecanismo sempre determina a identidade negra o lugar de subalternidade em relação aos brancos.

O título do poema também nos revela uma ironia ácida de todo o processo. Pente- fino pode ser entendido como “pequeno pente de dentes muito finos utilizado na limpeza de caspas, piolhos e outras impurezas dos cabelos.”; no sentido figurado, é algo feito bem detalhadamente, uma análise com profundidade. Pelas formas em que ocorre o trato com o cabelo: cortar careca, escorregar gosmas alisantes, cobrirem com perucas vemos que não se trata de cuidar, limpar, proteger os cabelos. O próprio cabelo é um problema, ou seja, para o racismo o cabelo, um dos símbolos da identidade negra deve ser destruído, portanto, a identidade negra deve ser destruída.

O sentido figurado de “ser meticuloso” diz respeito à forma também estudada como o racismo age no corpo negro. Além disso, outro sentido acionado em muitos filmes diz respeito à “operação” como uma ação policial de investigação e desmonte de algum crime organizado. O poema não deixa de ser irônico quando a ação que é desmontada é o próprio racismo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de construção desse trabalho, a bibliografia utilizada na pesquisa nos permitiu uma reflexão bastante pertinente de uma questão que, infelizmente, ainda impera na nossa sociedade. Desde a chegada dos africanos em nosso país até os nossos dias, o racismo se estruturou permeado de mitos que camuflam o problema e impedem sua superação. A literatura nacional foi um reflexo desse processo e personificou o povo negro carregado com todos os estigmas corrente na sociedade.

No entanto, vimos que as vozes que consolidaram essa literatura que subjuga o negro não são a única e nem a detentora da verdade. Há também os autores que escrevem a partir do lugar étnico-racial do negro, expressando seus sentimentos e denunciando a opressão vivenciada pela sua identidade, como mostramos nas duas obras analisadas do escritor Cuti. No conto e no poema analisados nesta pesquisa, Cuti faz uma representação da questão estética do negro corrente em nossa sociedade, não de modo a perpetuar estigmas, mas de maneira a denunciar essas ideologias, as falsas verdades na opressão do negro.

Nesse sentido, este trabalho se justifica pela importância do tema. Em um país em que a população negra é maioria, mas apenas uma minoria dessa identidade ocupa espaço de poder ou está entre as classes sociais mais favorecidas, obras como as de Cuti são de extrema necessidade para conscientização desses problemas.

Desse modo, esse trabalho de análise de obras como as citadas, em um curso de licenciatura também se torna um importante elemento didático para o trabalho com esses textos em sala de aula como forma de também oferecer outras vezes além da já instituída, que possibilite mais reflexão na quebra desse problema estrutural.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de março de 2008**. Diário oficial da União, poder executivo, Brasília.
- CUTI. Literafro, 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/>. Acesso em: 03/12/2021.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afro descendência**. Literafro, Belo Horizonte, p. 1-12, 2021.
- ENTREVISTA CUTI. **Escrevendo o Futuro, 2020**. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/>. Acesso em: 20/12/2021.
- FANON, Franz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HOOKS, bell. Alisando nosso cabelo. **GELEDES**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/> Acesso em 04/02/2022
- GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. 2005 Disponível em: http://titosena.fead.udesc.br/Arquivos/Artigos_textos_sociologia/Negra.pdf. Acesso em: 05/01/2022.
- INCIDENTE NA RAIZ**. Literafro, 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/>. Acesso em: 03/12/2021.
- LOPES, F. J. A.; MORAIS, M. P. A. Propostas para leitura de literaturas não hegemônicas frente ao vazio do mundo. In: BATISTA-SANTOS, D. O.; MORAIS, M. P. A. (ORG.). **Ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa: Confrontando e Ressignificando Práticas Silenciadoras**. Palmas: EDUFT, 2020. P. 49 – 61.
- MARTINS, Elton. **Espelho, espelho meu**. Youtube, 2011. Disponível em: <https://youtu.be/44SzV2HSNmQ>. Acesso em: 03/12/2021.
- OLIVEIRA, Crysia Mayara De et al.. A quebra do padrão de beleza: a aceitação da mulher negra na sociedade. **E-book SINAFRO...** Campina Grande: Realize Editora, 2018. p. 178-185. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/39565>>. Acesso em: 11/01/2022.
- OPERAÇÃO PENTE FINO**. Literafro, 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/>. Acesso em: 03/12/2021.
- PEREIRA, Edmilson de A. **Territórios Cruzados: relações entre o cânone literário e literatura negra e/ou afro-brasileira**. Literafro, Belo Horizonte, 1-23, 2021.
- PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Revistas USP, São Paulo*, p. 161-193, 2004.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. **Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana**. *Psicologia e sociedade*. Psicologia & Sociedade, São Paulo,

83 – 94, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/ZFbbkSv735mbMC5HHCsG3sF/?lang=pt> Acesso em:
02/02/ 2022

TAÍS ARAÚJO. Taís Araújo fala do seu tom de pele. Youtube, 2010. Disponível em:
<https://youtu.be/heCEbYp339U>.